



METROPOLE

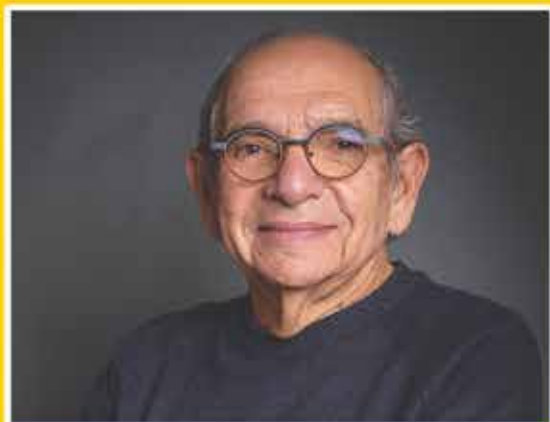
SSA - BA



2 ABR 2026

A FEBRE DO PÔQUER ONLINE

Escorados em celebridades e influenciadores para atrair usuários através de publicidade disseminada nas redes sociais, plataformas lucram com jogatina virtual, sob o argumento de que se trata de habilidade técnica, em meio a um limbo jurídico e alheias aos risco à saúde mental ou ao bolso do usuário. Págs. 2 a 4



Será ele médium? Mário Kertész 'psicografa' carta da avó endereçada ao filho bisneto. Pág. 5



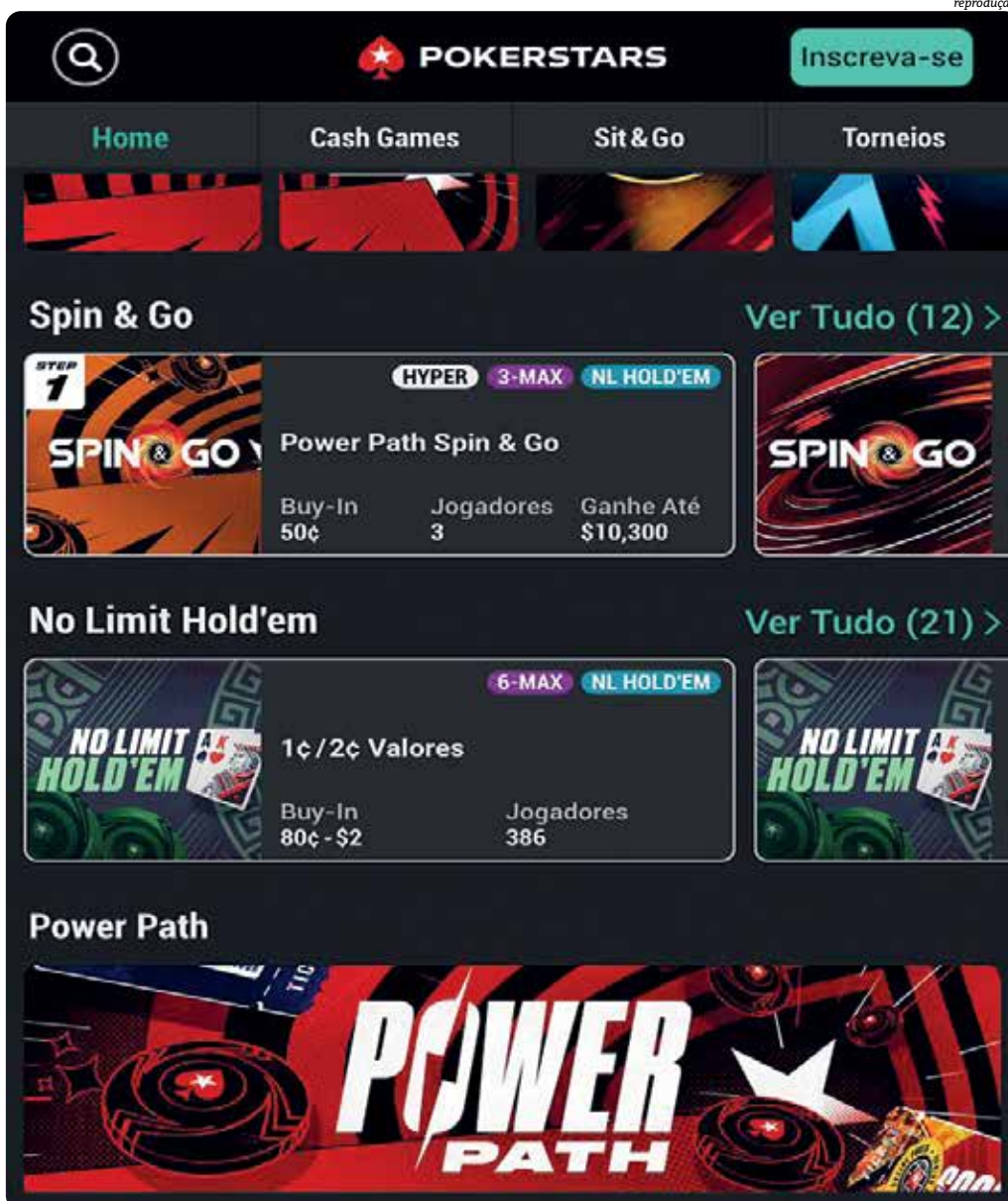
Mais de seis décadas após o golpe de 1964, fantasma do extremismo ainda assombra o país. Págs. 6 e 7



Exposição no Muncab celebra obras de artistas baianos repatriadas dos EUA para o Brasil. Págs. 10 e 11

Nova onda da jogatina virtual

Pôquer online cresce com discurso de habilidade técnica em vez de jogo de azar, mas expõe riscos à saúde mental e ao bolso do usuário, além de lacunas na lei



Texto **Duda Matos e Laisa Gama**
redacao@radiometropole.com.br

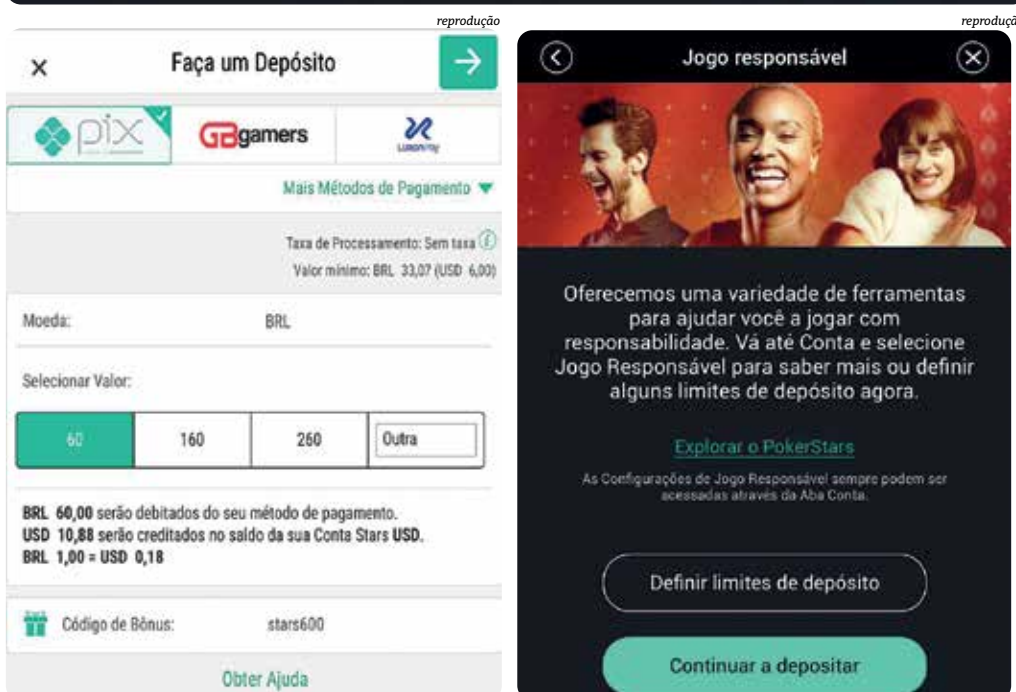
Impulsionado por influenciadores, celebridades e uma engrenagem bem afinada de conteúdos virais, o pôquer online ganhou tração nas redes sociais com um discurso que se repete quase como roteiro: não é bet, não é tigrinho; é habilidade. Lives longas, cortes editados e publicidades de jogatina camuflada de entretenimento ajudam a construir uma imagem mais “técnica” do jogo e, com isso, a atrair novos usuários.

Ao tentar se distanciar das apostas esportivas e dos jogos virtuais de cassino, já associados a vício e prejuízo financeiro, o pôquer passa a ocupar um lugar mais aceitável no imaginário digital. Mas essa diferenciação encontra um limite no dinheiro, que permanece sendo peça central da dinâmica.

PÔQUER DAS ESTRELAS

Como a maior parte das plataformas de pôquer online não tem nenhuma operação formal liberada no Brasil, incluindo gigantes do segmento como a PokerStars, a publicidade segue um caminho mais sutil, apresentando o jogo como diversão, sem risco iminente. E essa nova onda tem rosto, estratégia e, sobretudo, escala para ganhar a simpatia do usuário.

Em um vídeo de poucos segundos, Neymar aparece para rebater uma matéria na qual afirmava que ele teria ficado de sexta a domingo jogando pôquer, justamente no período em que ficou de fora de um jogo do Santos por “controle de carga”. Mas, para surpresa de alguns, ele não surge para negar os rumores, e sim para corrigir a informação: era verdade, sim. Neymar admitiu mesmo esteve jogando pôquer, sem sequer precisar sair de casa, por 16 horas seguidas.



Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**
Coordenação **Jairo Costa Jr.**

Redação **Duda Matos, Ismael Encarnação, Izabela Prazeres, Jairo Costa Jr., Juliana Lopes, Laisa Gama, Kamille Martinho, Victor Quirino e Vitor Bahia**
Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Revisão **Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br
Rua Conde Pereira Carneiro, 226 - Pernambuco - CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

Garotos-propaganda

“Joguei sim, online. Para quem não sabe, o scoop (série anual de torneio de pôquer) tá rolando lá no PokerStars. Eu tive esse tempinho pra fazer o que eu mais gosto fora do futebol, que é jogar um pokerzinho. E para quem joga, sabe do que eu tô falando. Eu tô muito contente pela minha performance lá, tô muito bem”, disse o jogador nas re-

des sociais, antes de convidar os fãs a assistirem as partidas dele.

Comediantes, influenciadores digitais e outras celebridades também passaram a estampar o rosto em transmissões de competições de pôquer. Nomes badalados do como Marco Luque, Rodrigo Marques e Thiago Ventura, todos com milhões de seguidores e agenda de

shows lotada aparecem como embaixadores de plataformas que disponibilizam o jogo online, especialmente a GG Poker. A estratégia segue a mesma lógica que impulsionou as bets: vender a ideia de apostas em entretenimento e usar caras conhecidas para difundir tal mensagem. Não há dúvidas de que o alcance é significativo.



Do cadastro ao jogo em poucos cliques

Tudo é feito de forma bem pensada para captar dinheiro que se torna simples entrar no mundo do pôquer. Em sites ou aplicativos como o PokerStars, o cadastro é feito em poucas etapas, com solicitação de dados básicos e confirmação de maioridade, sob a justificativa de verificação de identidade e segurança. Como se isso, de fato, impedisse uma criança de se entrar na mesa.

Na sequência, o usuário é direcionado para a etapa de depósito, com opções como Pix e cartões de crédito ou débito, entre outros. Para fisgar o jogador, oferecem valores de entrada acessíveis e conversão automática de moeda. No PokerStars, por exemplo, é solicitado um valor mínimo de depósito, de US\$ 8, pouco mais de R\$ 40 no câmbio atu-

al. Com o saldo disponível, o acesso a mesas, torneios e jogos é liberado imediatamente.

Embora haja avisos sobre “jogo responsável” e ferramentas de controle, como limites de depósito, o ambiente é estruturado para manter a navegação contínua, com poucas interrupções entre o cadastro, o pagamento e o início das partidas.

Plataformas operam no limbo jurídico

Diferente dos jogos de azar, o pôquer virtual não se enquadra nessa categoria, já que decisões judiciais entendem que o desempenho depende majoritariamente de estratégia, e não apenas de sorte. Por isso, o jogo não é ilegal e segue operando em um espaço onde a lei permite, mas pouco regula.

O problema surge no que não foi regulamentado. A legislação recente das apostas esportivas não abrange o pôquer, criando um cenário de ausência de regras específicas para operação, fiscalização e proteção do usuário. Na

prática, plataformas podem funcionar sem cumprir exigências impostas a outros tipos de apostas, especialmente quando sediadas no exterior.

SEM PROTEÇÃO

Segundo o advogado Diogo Guanabara, especialista em Direito Digital, esse cenário cria uma zona de limbo jurídico. “O pôquer não é proibido, mas também não tem regras próprias sobre licenciamento, proteção ao jogador ou fiscalização. É um território legalmente tolerado, mas ao mesmo

tempo desprotegido”, afirma.

O especialista também chama atenção para uma diferença relevante dentro do próprio mercado. Há plataformas dedicadas exclusivamente ao pôquer em que a natureza de habilidade encontra respaldo jurídico, mas também sites que oferecem o jogo junto a outros produtos típicos de cassino, como roleta e caça-níqueis. Nesses casos, a situação pode ser diferente. Quando a plataforma reúne jogos baseados em sorte e não cumpre as exigências legais para operar no Brasil, ela atua de formar irregular.

Modalidade traz riscos para os usuários

Se, por um lado, o acesso é simples, por outro, os riscos são, muitas vezes, pouco conhecidos pelos usuários. Um dos principais problemas envolve o bloqueio de contas sem possibilidade efetiva de contestação. Em plataformas sediadas no exterior, o jogador pode ter o acesso suspenso sob alegação de fraude ou violação de termos de uso e, sem garantia de contraditório ou defesa, perder o acesso ao próprio saldo.

Outro ponto sensível é o risco tributário. Os ganhos obtidos em plataformas de pôquer online devem ser declarados à Receita Federal, mas muitos usuários desconhecem essa obrigação. A falta de regras específicas para o setor ainda abre

margem para dúvidas sobre a forma correta de tributação.

Há ainda o risco de envolvimento indireto em operações ilícitas, como lavagem de dinheiro. Com grande volume de transações e pouca transparência sobre a origem dos recursos, o ambiente pode expor jogadores a esquemas irregulares sem que eles tenham conhecimento. “Muitas vezes, você na condição de jogador, pode se ver também envolvido dentro de uma estrutura criminosa sem saber”, explica o advogado Diogo Guanabara.

JOGO LIMPO?

O boom do pôquer online também levanta dúvidas sobre a integridade

das partidas. Nas grandes plataformas, porém, especialistas avaliam que há menos espaço para manipulação direta. Isso porque o lucro dessas empresas está no volume de jogos, e não no resultado individual dos jogadores.

“Elas ganham mais com uma pequena taxa que costumam cobrar a cada partida jogada. Então, quanto mais pessoas jogam na plataforma, mais lucro eles vão ter”, afirma o especialista em segurança cibernética, Ariel Moniz, cofundador da Tekky Soluções. “Por incrível que pareça, essas plataformas grandes e mais conhecidas não têm tanta manipulação assim por parte da própria plataforma”, completa.

O cenário muda quando se trata de plataformas menores ou sem certificação. “Um método que é mais utilizado normalmente é o uso de bots (robôs)”, afirma Moniz. Esses programas automatizados analisam padrões de apostas e tomam decisões com base em cálculos estatísticos, o que reduz drasticamente as chances de um jogador comum vencer.

Outro ponto de atenção são ataques conhecidos como “man-in-the-middle”, que permitem a interceptação de dados durante a partida. “Fazendo isso, eu consigo ter acesso a todas as informações do jogo, como está sendo feita a aposta, qual carta que vai ser distribuída”, afirma. Segundo o especialista, esse tipo de prática tende a ocorrer em ambientes menos seguros.



Entre habilidade e o vício

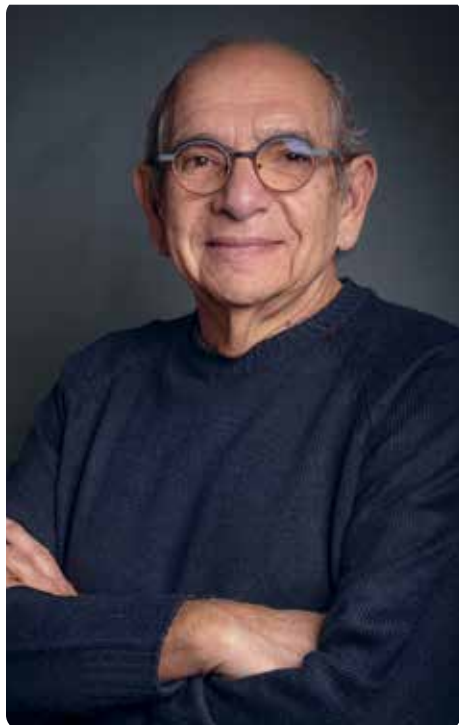
Outro alerta envolvendo o pôquer diz respeito ao potencial de dependência. Vendido como jogo de estratégia, com leitura de adversários e tomada de decisão, ele flerta com a ideia de “habilidade”, mas segue operando sob a lógica da incerteza e da recompensa variável.

Especialistas em saúde mental, no entanto, fazem ressalvas. A psicóloga Ana Carolina Guimarães Venâncio Barbosa, especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental e Neuropsicologia, afirma que o pôquer online pode gerar vício como

qualquer outro jogo de azar. “Nesse caso, a pessoa acredita que se ela estudar mais ou jogar melhor, por exemplo, poderá recuperar as perdas, e isso vai mantendo o comportamento”, explica.

“Quanto maior a exposição a um determinado comportamento, maior a tendência de ele ser percebido como algo comum, aceitável e até desejável”, explica o psicólogo Iago Argolo, também especializado em dependência, ao salientar que, quando se vê, o que parecia só mais uma rodada já virou hábito.

Além da baixa confiabilidade de parte das plataformas, pôquer virtual vicia como qualquer jogo de azar, alertam especialistas



Carta póstuma de uma bisavó para um bisneto

Mário Kertész

Radialista, apresentador, ex-prefeito e agora escritor

Meu nome é Raquel Aferiati Mello. Resolvi aparecer porque meu neto querido, Mário, filho da minha filha Violeta, não me deixa ir embora. Ele me guarda nas histórias que conta, me revive nos detalhes, me chama de volta como quem não aceita perder o que foi amor.

Mas há você, Marcelo, meu bisneto, que gosta de dizer que eu nunca existi. Que sou invenção. Como você diz, um alter ego do seu pai. E é por isso que estou aqui.

Nasci em Belém do Pará, numa família judia com raízes em Mogador, no Marrocos, e carrego uma história que começou muito antes de mim. Casei cedo, como era costume naquele tempo, precisamente aos doze anos. Casei em janeiro, e em dezembro daquele mesmo ano, já com treze, segurei meu primeiro filho nos braços: Solon Mello.

Meu marido, Salomão Mello, também vinha de uma família de judeus sefarditas. Tivemos tempos muito bons, especialmente quando ele prosperou no Amazonas com a borracha. E tivemos tempos duros, quando tudo mudou e nos mudamos para a Bahia. Em 1930, já em Salvador, ele faleceu.

E eu fiquei. Fiquei com os filhos, com a casa, com a vida inteira para sustentar. E sustentei. Com firmeza, com coragem, mas também com um amor que não fazia barulho — fazia presença.

Criei meus filhos com liberdade. Nunca soube amar prendendo. Amor, para

mim, sempre foi preparar para o mundo. E Violeta, minha filha caçula, meu grande amor, foi prova disso. Ela estudou e se formou em Odontologia, uma vitória para uma mulher naquele tempo. Quando chegou a hora da formatura, não havia dinheiro para festa. Mas eu nunca fui mulher de aceitar impossibilidades.

Lembrei do jogo do bicho. Peguei um copo com água, joguei na parede, olhei com atenção e vi ali o sinal. Apos-tei. Ganhei.

E ganhei mais do que dinheiro. Ganhei a alegria de ver minha filha celebrando a própria conquista. Paguei a festa, o vestido e o anel de formatura, fundamental naquela época.

Um dia, apareceu em minha casa um jovem judeu húngaro interessado em Violeta. Chamei-o e perguntei, com a franqueza que sempre tive, se era coisa séria. Ele disse que era. E era mesmo.

Casaram-se. Construíram uma vida. E eu segui ali, por perto, como sempre estive não como sombra, mas como raiz.

Vieram os netos: Carlos, Eduardo e Mário, meu Baio, seu pai, que você, Marcelo, conhece bem. Baio era mais do que neto. Era companhia, era extensão, era afeto em estado puro. Dormia comigo, me acompanhava ao cinema, me via me arrumar com paciência as luvas, o tailleur, o cabelo bem-feito. Sempre fui vaidosa.

Eu tinha pressão alta, e Violeta cuidava de mim com rigor, controlando o que

eu comia. Mas eu chamava Baio baixinho e pedia uma lata de sardinha no armazém ao lado de casa. Ele ia, voltava escondido, e nós dividíamos aquele pequeno segredo com um sorriso cúmplice.

Eu era assim. Tinha dois lados, como ele dizia. Um elegante, educado. Outro livre, sem freio, que falava o que vinha à boca, usava palavrões que assombra-vam, jogava pôquer com os amigos do meu genro Jorge, seu avô, e não pedia licença para existir.

Vivi até os oitenta e três anos. Morri em Salvador. Mas, como você sabe, há pessoas que não desaparecem. Elas ficam. Ficam nos gestos, nas manias, nas escolhas que atravessam o tempo sem pedir autorização.

E é por isso, Marcelo, que eu falo com você agora.

Você pode não acreditar em mim. Pode achar que sou invenção do seu pai. Mas eu existo. Existo no olhar dele, na forma como ele enfrenta a vida, no que ele herdou sem perceber.

E, meu querido, sinto em te dizer: existo também em você. Porque a vida não se apaga assim.

Não sou invenção. Sou presença. Sou origem. Sua origem. E isso que você acabou de ler... é só o começo.

Eu volto.

Carta psicografada pelo meu neto Mário Kertész.

Mas há você, Marcelo, que gosta de dizer que eu nunca existi. Que sou invenção, um alter ego do seu pai

Meu querido, sinto em te dizer: existo também em você. Porque a vida não se apaga assim. Não sou invenção. Sou presença



1964 – O ano que ainda não acabou

Do golpe militar de 62 anos atrás ao 8 de janeiro de 2023, o fantasma do totalitarismo mistura o passado do país e o presente global, com o avanço da extrema-direita fascista

Texto **Jairo Costa Jr.**

jairo.costa@radiometropole.com.br

Já se passaram 62 anos do 31 de março que levou o Brasil a um dos períodos mais sombrios de sua história. Foram aproximadamente duas décadas de perseguições, arbitrariedades, torturas, censura, tirania e supressão de liberdades individuais e coletivas.

Embora o país se achasse livre do fantasma da ditadura desde a redemocratização estabelecida pela Constituição de 1988, também conhecida como Constituição Cidadã, o fantasma do totalitarismo volta e meia ronda o céu da nação. Mas agora carregado a tiracolo por um tipo de devoção ao fascismo em escala global e pelo avanço da extrema-direita, ainda que disfarçada de patriotismo.

Não faz muito tempo - precisamente três anos, dois meses e 24 dias - que os brasileiros viram o mais ousado ataque direto à democracia desde a marcha dos militares iniciada em 31 de março de 1964 - o ano que

jamais deveria ter existido e que ainda não acabou.

Em 8 de janeiro de 2023, centenas de militantes arregimentados pela tropa de choque leal ao ex-presidente Jair Bolsonaro se sentiram à vontade para um ataque coordenado em massa aos Três Poderes. O objetivo era claro: depor o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, eleito pelo voto direto, e recolocar o derrotado nas urnas de volta ao comando, por meio de mais uma entre tantas outras tentativas ou golpes consumados que jogaram o país nas trevas.

ALÉM DA LINHA

Embora tenham ocorrido danos ao patrimônio brasileiro, seja ele histórico ou não, o prejuízo foi muito maior. As cenas de depredação e invasão à força contra as sedes do Executivo, Legislativo e Judiciário não deixam dúvidas de que o Estado Democrático de Direito e a ordem institucional voltaram a ficar ameaçados.

Não foram poucas as vozes que clamaram pela volta do AI-5, o braço mais duro e letal do regime militar instaurado em 1964. Essas vozes, é sempre bom lembrar, estavam em sintonia fina com outro ataque semelhante ocorrido cerca de dois anos antes na parte da cima da linha do Equador.

Em 6 de janeiro de 2021, um bando invadiu o Capitólio, sede do Congresso Nacional norte-americano, para protestar contra o resultado da eleição presidencial realizada no ano anterior e tentar emparedar o governo de Joe Biden na marra.

Inconformado à época com a derrota na busca pelo segundo mandato à frente da Casa Branca, Donald Trump incitou dezenas de apoiadores a investir contra o Capitólio. A sucessão de atos violentos deixou cinco mortos, 138 policiais feridos e 1.500 pessoas indiciadas, mas depois perdoadas de forma integral assim que Trump retornou ao cargo, em março de 2025.



Ditadura em imagens



tania rego/agencia brasil

1



tania rego/agencia brasil

2



rovena rosa/agencia brasil

3



paulo pinto/agencia brasil

4

1 - Passeata dos Cem Mil reuniu artistas, intelectuais e adversários da ditadura para protestar contra o AI-5 em 1968, no centro do Rio de Janeiro

2 - Atentado a bomba no Rio-centro, em 1981, foi perpetrado por militares do Exército inconformados com o processo de abertura do regime militar

3 - Peritos fazem escavações em busca de restos mortais de vítimas da ditadura assassinadas em centro clandestino de tortura do DOI-Codi em São Paulo

4 - Familiares de mortos e desaparecidos, entre os quais Rubens Paiva e Carlos Marighela, recebem em São Paulo certidões de óbitos com a verdadeira causa da morte

CIDADE



METROPOLE

Paralelos entre Brasil, EUA e Europa

Todo esse roteiro de claro verniz anti-democrático nos Estados foi desenhado sob a falsa alegação de fraude às urnas. Qualquer similaridade com o discurso adotado pelos partidários de Bolsonaro não terá sido mera coincidência. Muito menos está desconectado do que acontece em parte do mundo onde a direita extremista, a mesma que flerta desavergonhadamente com o fascismo, caminha a passos largos.

Na Europa, movimentos como o Chega, em Portugal, e o Vox, na Espanha, crescem sedimentados por discursos de ódio, separatismo e xenofobia da mais pura, numa ópera nada cômica e bastante trágica.

França, Itália, Alemanha, Hungria, Holanda, Áustria e Polônia também veem tal fenômeno ganhar corpos e mentes em progressão aritmética. Até o milenar Japão foi tragado pelo extremismo de direita, a partir da ascensão da atual primeira-ministra do país, a ultraconservadora Sanae Takaichi, eleita em outubro de 2025.

Ainda é cedo para dizer até onde pode chegar a onda mundial contrária à democracia, mas é impossível negar que a maré é grande e forte. E Mais: que é imprescindível instituições muito sólidas para segurar o rolo-compressor do totalitarismo. O Brasil teve sucesso em deter o golpismo bolsonarista de três anos atrás. Resta saber se terá a mesma força para combatê-lo novamente.



reprodução



reprodução



VAI, SALVADOR!



**EDUCAÇÃO ESTADUAL
EM TEMPO INTEGRAL.**



**VLT QUE VAI
LIGAR TUDO.**



**MATERNIDADES
PÚBLICAS,
SÓ ESTADUAIS.**



**METRÔ ATÉ
O CAMPO GRANDE.**



O Governo da Bahia tá DO LADO DO POVO

Vai, Salvador. Vai com a força e a energia de seu povo, que não foge da luta, não perde o gingado e faz essa cidade acontecer. Vai, que o Governo da Bahia tá aqui. Diminuindo distâncias, abrindo novos caminhos, cuidando de nossa gente para que a vida seja melhor. É assim que Salvador segue em frente.



**MAIOR HOSPITAL
ORTOPÉDICO
ESTADUAL DO BRASIL.**



**MAIOR OBRA
DE SANEAMENTO DA
HISTÓRIA DA CIDADE BAIXA.**



NOVA RODOVIÁRIA.



**NOVO TCA,
O TEATRO MAIS
MODERNO DO BRASIL.**

**CONTENÇÃO DE ENCOSTAS
EM TODA A CIDADE.**

**GOVERNO DA
BAHIA**



Patrimônio repatriado

Exposição no Muncab com acervo formado por mais de 600 obras que retornaram à Bahia após 30 anos no exterior mostra a força da arte produzida em Salvador e no Recôncavo

Fotos **Izabela Prazeres**

Texto **Ismael Encarnação**

daniela.gonzalez@metro1.com.br

A exposição *Inclassificáveis*, em cartaz no Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira (Muncab), apresenta ao público a maior repatriação de obras de arte já realizada no Brasil. Ao todo, mais de 600 peças – produzidas em maior parte por artistas negros baianos – estavam há décadas nos Estados Unidos e passaram a integrar o patrimônio do espaço em Salvador, após doação das colecionadoras norte-americanas Bárbara Cervenka e Marion Jackson. Deste conjunto, 125 obras já estão expostas no Muncab e permanecerão lá até meados de agosto.

São obras de cerca de 60 artistas, com destaque para nomes como J. Cunha, Babalu, Goya Lopes, Sol Bahia e José Adário,

ou Zé Diabo, todos profundamente ligados à Bahia, especialmente a Salvador e ao Recôncavo. As peças evidenciam modos de criação que nascem desse território, seja no uso de materiais, nas cores ou nas formas de compor. Há trabalhos com relevo, aplicação de búzios e camadas de tinta que constroem superfícies densas, enquanto outros exploram padrões geométricos e cenas organizadas em múltiplos planos.

Como aponta o artista plástico Aryson Heráclito, professor universitário especializado em artes visuais, as produções repatriadas carregam leituras próprias da vida baiana, atravessadas por memória, religiosidade e experiência cotidiana. Mais do que obras isoladas, o conjunto funciona como um arquivo visual que revela diferentes maneiras de representar a Bahia – não como tema distante, mas como vivência

direta de quem produz.

Trazer esse acervo de volta não foi um processo simples. Pelo contrário: exigiu uma articulação longa, envolvendo diferentes países, órgãos públicos e etapas técnicas. Segundo o Muncab, a repatriação começou com uma série de procedimentos legais e diplomáticos para que tudo acontecesse de maneira regular.

Um dos primeiros desafios foi organizar a documentação das obras. Era preciso comprovar a origem de cada peça, garantir que estavam legalmente aptas para serem transferidas e formalizar a doação. Em seguida, entrou em cena a articulação internacional. O processo contou com a participação do Ministério das Relações Exteriores, da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil e de órgãos ligados à cultura e à economia.



Serviço

O que - Exposição *Inclassificáveis*

Onde - Muncab, Rua das Vassouras, 25 – Centro Histórico, Salvador

Quando - De terça a domingo, das 17h às 17h, até meados de agosto

Quanto - R\$ 20 (inteira), R\$ 10 (meia), através no Sympla ou na bilheteria do museu

Transporte difícil

Oura dificuldade foi a logística. Transportar obras de arte exige cuidados específicos, como embalagens especiais, controle de temperatura e acompanhamento técnico. Esse foi, inclusive, o maior obstáculo apontado pelo museu: o custo do transporte internacional. A primeira etapa só foi possível graças a um financiamento coletivo realizado nos Estados Unidos.

Quando as obras chegaram ao Brasil, ainda foi necessário passar por trâmites alfandegários. A Receita Federal e a Alfândega de Salvador atuaram para garantir a entrada legal das peças, com isenção de impostos, já que se tratava de doação cultural. Depois, começou o trabalho interno do museu, com conservação, catalogação e preparação para exposição.



Acervo formado ao longo de décadas

O conjunto de obras que hoje integra a exposição Inclassificáveis foi construído ao longo de décadas, em um processo que mistura mercado de arte, pesquisa e relações pessoais. Diferente do que se pode imaginar, essas peças não saíram do Brasil de forma repentina ou irregular. Segundo relatos dos próprios artistas, o acervo foi sendo formado gradualmente, a partir do contato direto com Bárbara Cervenka e Marion Jackson.

Durante cerca de 30 anos, elas viajaram diversas vezes ao Nordeste, especialmente para cidades como Salvador e Cachoeira, na Bahia; Juazeiro do Norte, no Ceará; e Bezerros, em Pernambuco. Foi nesse percurso que as colecionadoras conheceram artistas locais, muitos deles atuando fora dos circuitos tradicionais, ligados ao Pelourinho e a espaços populares de criação e venda. A partir dessas aproximações, passaram a adquirir obras diretamente dos artistas, criando um vínculo que ia além da

relação comercial.

Sol Bahia, um dos artistas “repatriados”, relembra esse processo como algo próximo e contínuo. “Ela vinha aqui, conversava com a gente, ia na casa dos artistas. Não era só compra, era relação mesmo”, contou. Esse contato direto foi fundamental para a formação do acervo, que reúne trabalhos de diferentes temas — desde cenas do cotidiano até representações religiosas e históricas. No caso dele, obras que retratavam figuras como Antônio Conselheiro despertaram o interesse das colecionadoras e passaram a circular fora do país.

Com o passar dos anos, e especialmente após o falecimento de Bárbara Cervenka, em janeiro deste ano, surgiu a decisão de doar o acervo ao Brasil. O que antes estava disperso em exposições e coleções privadas passou a ter um destino comum: retornar ao país e, principalmente, ao território que deu origem a essas obras.

Reconhecimento esperado

Para os artistas que integram a exposição, a repatriação das obras representa mais do que um retorno físico: é o reconhecimento de trajetórias que, por décadas, ficaram à margem dos circuitos oficiais. A sensação é de reencontro. “É uma volta para casa”, resume Goya Lopes, hoje referência nacional em estamparia, ao destacar que as peças agora podem ser vistas dentro do contexto cultural que as originou.

J. Cunha, artista e criador da identidade visual do Ilê Aiyê, também aponta para essa mudança de olhar. Para ele, o retorno das obras ajuda a reposicionar a produção afro-brasileira dentro da arte nacional, em um espaço de valorização institucional. Sua presença logo na entrada da exposição reforça essa virada simbólica, colocando sua obra em destaque dentro do percurso expositivo.

CAPINAN, O CÉREBRO POR TRÁS DO MUNCAB

A importância do Muncab vai além de ser um espaço expositivo: o museu se consolida como um centro de preservação, reflexão e valorização da cultura afro-brasileira. Nesse contexto, a presença de José Carlos Capinan é central. Diretor do museu, poeta, letrista e intelectual baiano, ele é um dos fundadores e integrante do conselho do Muncab, atuando diretamente na construção de sua proposta cultural e política.

Capinan tem uma trajetória marcada pela atuação em movimentos culturais e pelo fortalecimento de debates sobre identidade, cultura negra e produção artística no Brasil. Sua visão de cultura como instrumento de afirmação social dialoga diretamente com a missão do museu, que busca dar visibilidade a narrativas historicamente marginalizadas.



Ponto de interrogação

Com lesão de Ronaldo, Léo Vieira, da Chapecoense, é a aposta do Bahia para suprir problemas no gol, mas será que ele está à altura do desafio?

Texto **Vitor Bahia**
redacao@radiometropole.com.br

A deficiência no gol do Bahia volta a ser pesadelo para quem sonha com título. O goleiro Ronaldo preencheu a lacuna que deu dor de cabeça para Ceni por um bom tempo. Mas após a lesão na partida contra o Remo, que resultou em goleada de 4 a 1, um tormento vivido pelo Esquadrão em parte da temporada de 2025 pode retornar. Ou poderia, já que o Tricolor fez manutenção preventiva e decidiu contratar o goleiro da Chapecoense, Léo Vieira, sob dúvida e desconfiança da torcida. Mas será que é uma aposta tão incerta?

Parte do julgamento prévio sobre Léo Vieira é a sua idade, já que 35 anos é considerado tempo avançado para goleiro de um time que busca dar o próximo

passo nas principais competições. Léo, no entanto, vem de uma boa passagem pela Chapecoense. Foi o oitavo jogador da Série B 2025 com mais defesas, 88 ao todo. Além disso, liderou a estatística de saídas do gol, ou seja, é eficiente em cortar bolas aéreas e cruzamentos.

No Brasileirão 2026, o nível de enfrentamento subiu, mas o novo reforço do Esquadrão é o goleiro com mais defesas da competição, totalizando 32 em sete partidas. Ele também supera Ronaldo na quantidade de gols evitados, de acordo com dados da plataforma de estatísticas de futebol Sofascore. Então, apesar da suspeita inicial, a crença no novo goleiro por parte da diretoria esportiva do clube não é um tiro no escuro. Também não há certeza de sucesso, por ser um novo degrau na carreira do jogador, com maior pressão e cobrança.

rafael.rodrigues/ec.bahia



Problema crônico

Ronaldo nunca foi unanimidade no Bahia. Na primeira metade de 2025, o Esquadrão sofreu com a má-fase do ex-goleiro do clube, Marcos Felipe, e com uma forte inconsistência de Ronaldo, que contribuiu para a eliminação precoce da Libertadores e pontos importantes perdidos no Campeonato Brasileiro. O Tricolor chegou a contratar João Paulo para reforçar o setor, ele sim uma aposta incerta. Mas a partir dali, Ronaldo engatou uma ótima fase e se firmou como titular da equipe. A sua lesão pode despertar o torcedor do sonho de alcançar novos patamares no Brasileirão e na Copa do Brasil.

Chora, Barça!

A lesão de Raphinha na partida da Seleção Brasileira contra a França é uma notícia grave para o Barcelona. O clube catalão irá disputar as quartas de final da Liga dos Campeões contra o Atlético de Madrid no dia 8 de março. O Barça precisa de força total para enfrentar a equipe da capital, pois foi eliminado por eles na Copa do Rei, com placar de 4 a 0 fora de casa.

Escolha duvidosa

Reserva do Flamengo, Danilo foi o primeiro jogador confirmado na Copa por Carlo Ancelotti. As laterais, como já dito pelo próprio treinador, são as principais fraquezas do Brasil. Ainda assim, nada justifica a cadeira cativa de um jogador que mal atuou em 2026. Outros laterais, tanto direitos quanto esquerdos, pedem passagem, como Caio Henrique, do Monaco.





Anaconda
HBO Max
Filme | Comédia



Algo Terrível Vai Acontecer
Série, 8 episódios | Netflix
Terror e Suspense



Mamonas - Eu Te Ai Lóve Iú
Globoplay
Filme | Documentário

Filé do Streaming

Toda semana, uma rodada de séries e filmes pra você fugir da rolagem infinita nos streamings. Não garantimos ausência de spoiler, mas prometemos assistir antes pra você não precisar se arrepender depois

Texto Victor Quirino

victor.quirino@radiometropole.com.br

Alguns filmes partem de premissas pouco promissoras, mas ainda assim conseguem surpreender. Diretamente dos cinemas para o streaming, a mais recente versão de Anaconda chega à HBO Max como um lançamento novo, mas nem tanto. A releitura do filme de 1997 satiriza a obra original com muita comédia e um roteiro afiado. Protagonizado por Jack Black (Escola de Rock) e Paul Rudd (Homem-Formiga), com participação especial do brasileiro Selton Mello, o longa prova que não se levar tão a sério é justamente o que o torna especial.

Por outro lado, enquanto algumas franquias fazem esforço para se reinventar, as continuações partem de um interesse já consolidado. Esse é o caso da segunda temporada de Demolidor Renascido, disponível no Disney+. Ambientada no universo Marvel, a trama resgata personagens de séries originalmente produzidas pela Netflix para contar uma história inédita. A nova temporada mantém a atmosfera sombria que marcou a série,

reforçada por uma fotografia que sustenta a estética urbana da cidade de Nova York.

Há casos em que a expectativa nem sempre está ligada à história em si, mas a quem está por trás dela. Disponível na Netflix, a série Algo Terrível Vai Acontecer é produzida pelos Irmãos Duffer, responsáveis pelo sucesso de Stranger Things, e chega como um terror que mistura suspense e drama para contar a história de um casamento perturbador. A obra sustenta tensão de forma gradual, fazendo do desconforto seu principal recurso narrativo.

E para quem busca se emocionar com uma história real, a Globoplay revisita a trajetória de um tesouro nacional. O documentário Mamonas - Eu Te Ai Lóve Iú celebra os 30 anos do legado dos Mamonas Assassinas, resgatando a ascensão meteórica da banda. Ao reunir imagens de arquivo e depoimentos, a produção reconstrói não apenas o fenômeno musical, mas também o impacto duradouro de um grupo que, mesmo com uma trajetória breve e trágica, se consolidou como um dos maiores símbolos da música pop brasileira.

Baú de Relíquias

Blade Runner Ambientado em um futuro distópico, o filme lançado em 1982 acompanha um ex-policial encarregado de caçar andróides (os replicantes) em Los Angeles. Dirigido por Ridley Scott (Alien e Gladiador) e estrelado por Harrison Ford (Indiana Jones e Star Wars), o longa, disponível no Prime Vídeo e na HBO Max, se destaca pela estética singular, que ajudou a redefinir o gênero de ficção científica. A história incorpora uma investigação policial, amparada pela atmosfera densa e sustentada por atuações que contribuem para o tom melancólico que o tornou um cult movie.

Laranjada

Mulheres Imperfeitas Na tentativa de se firmar como suspense sofisticado, a série da Apple TV+ tropeça justamente no elemento que deveria sustentar sua premissa: o mistério. Vendida como uma história de assassinato, Mulheres Imperfeitas rapidamente abandona essa proposta em favor de conflitos pessoais que, embora bem interpretados, não evoluem para além do esperado. O resultado é uma narrativa que se leva a sério demais, com reviravoltas previsíveis e um roteiro raso.



Demolidor Renascido
Disney+ | Série, 2 temporadas
Ação e Drama



reprodução



ESCULACHO

Texto **Juliana Lopes**

redacao@radiometropole.com.br

Pérolas da semana



O avião que eu comprei está bem velho, é de 1985. Está bem conservado, e eu estou precisando trocar. Estou orando a Deus para me abrir portas, para tocar em pessoas, porque eu preciso de um avião mais novo. E não é meu, é uma ferramenta de trabalho. Se você não precisa, é uma questão sua.”



Silas Malafaia, pastor e líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, na última quinta-feira (26), em vídeo postado nas suas redes sociais. Para Malafaia, Jesus é o caminho e a salvação. Ele é só a ponte aérea

Que p... é essa?

Parece roteiro de comédia pastelão de sessão da tarde, mas é suco puro de Brasil, vida real. O presidente do PP, o senador da República Ciro Nogueira (PI), convidou o ex-governador do Rio de Janeiro Cláudio Castro para se filiar ao seu partido, logo após Castro ter sido declarado inelegível até 2030 pelo TSE por abuso de poder econômico e político. Constrangimento certamente não é uma palavra que faz parte do vocabulário de Ciro Nogueira. Vale lembrar que Castro renunciou ao cargo supostamente para concorrer ao Senado, abrindo uma dupla vacância que desencadeou uma novela cujo mistério central é “quem governa o Rio de Janeiro?”. O vice-governador, que seria o próximo na linha de sucessão, abdicou do cargo em maio de 2025 para virar conselheiro do Tribunal de Contas do Rio. O terceiro da fila, presidente da Assembleia Legislativa do estado fluminense, a Alerj, foi preso em dezembro, e o presidente em exercício não pode, por regra, assumir o cargo. Sobrou para o desembargador e presidente do Tribunal de Justiça do Rio, Ricardo Couto, 4º na linha de sucessão, a missão de assumir o Palácio da Guanabara. Como diria Eduardo Cunha, Deus tenha misericórdia dessa nação. Coisa que Cunha, também do Rio, nunca teve.

Aqui a gente comenta com (mais) humor os acontecimentos da semana

Na boca de Matilde

Alguns dos temas mais citados nas profundezas da internet nesta semana:

#PF VELOZ E FURIOSA

Não sei por que ninguém criou uma premiação para a criatividade de quem nomeia as operações da Polícia Federal. A força-tarefa de fiscalização de postos de combustíveis para combater abuso de preços, realizada em 11 estados e no Distrito Federal na sexta-feira (27), foi batizada de “Vem Diesel”. Não se sabe se é uma homenagem ao carisma (?) de Vin Diesel ou uma tentativa de lembrar as características de seu personagem Dom Toretto, mas que é genial, é. Pelo menos para ele.

#LUANA PIOVANI... DE NOVO

Alguém precisa cortar o fio da internet de Luana Piovani pra ontem. Quinta-feira passada (26) ela apareceu nos stories indignada e feito uma metralhadora de ofensas, como sempre, só que dessa vez o alvo foi a própria filha. De 10 anos. Tudo porque a menina – repito, de 10 anos – decidiu que queria viajar no dia do aniversário do irmão mais velho. A ex-modelo e atriz chegou a dizer que não entendia o “tipo de sinapse” nem “a linha de raciocínio” da filha. Imagina ser essa menina e todo mundo saber o motivo pelo qual você frequenta o psicólogo?



#MALANDRO É MALANDRO, MANÉ É MANÉ

Na cerimônia de transferência do cargo da prefeitura do Rio de Janeiro na sexta-feira (20), Eduardo Paes (PSD), que saiu para concorrer ao governo do estado, passou, com o perdão do eufemismo, uma saia justíssima com o presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Rio, Claudio de Mello Tavares. Após o discurso do agora ex-prefeito, o sambista Dudu Nobre, que quebra, não enverga e nem se entrega a ninguém, substituiu os versos finais da canção “Moleque Atrevido” pela frase “respeite Eduardo Paes para governador”, configurando campanha eleitoral antecipada. Dudu Paes, todo moleque atrevido, tratou logo de dizer que não teve responsabilidade sobre o improviso do cantor: “o crime foi do Dudu Nobre, não do Dudu Paes”.

Coordenadora **Kamille Martinho**
kamille.martinho@metro1.com.br

Pegue a visão

Chegou a melhor parte do jornal: nossa editoria de dicas! Aproveite porque, se depender das indicações, não sei se estaremos aqui na próxima edição

Nega Lôra

Certa vez, Galileu da Galiléia disse: “malandro que é vivo não bobéia. Por mais que você sacuda o careca, o último pingo é sempre da cueca.

Lindinalva

Claudio Castro deixou o cargo e foi cassado no dia seguinte. Todos os governadores do Rio nos últimos 30 anos foram presos ou afastados do cargo por corrupção ou crimes eleitorais. O cargo já está sendo considerado mais perigoso do que petroleiro no Irã.

Ritinha

Ninguém fala sobre o prazer que é colocar os óculos embaixo da torneira da pia, tacar detergente neutro, enxaguar bem, secar com papel toalha e voltar a ter uma visão full HD vision PRO 2.0.

Só os loucos sabem

Amizades na vida adulta são tipo: “sinto sua falta, tô com saudades. Vamos sair em setembro?”

Paulinha

Abril começou com um feriado na primeira sexta-feira do mês. Não tem como esse mês ser um mês ruim!

Cida

Não importa quem vai ganhar as eleições, quem te governa é a sua mulher.

Guto

Lista de escalas de trabalho no Brasil:

- 7x0 = escravidão
- 6x1 = desumano
- 5x2 = aceitável
- 4x3 = ideal
- 3x4 = deputados
- 2x5 = herdeiros 1.0
- 1x6 = herdeiros 2.0
- 1x364 = Roberto Carlos
- 0x365 = aposentado aos 25

Jane

Quando te criticarem, lembre-se: até a Cataratas do Iguaçu tem avaliações ruins na internet.

Trump

Cláudio Castro era um governador tão sem importância que nem vice tinha. Ninguém sequer lembrava quem ocupava aquela cadeira no palácio Guanabara.

Fausto Silva

Como eu vou mudar, se em todo aniversário eu recebo: “continue sendo essa pessoa incrível que você é”?

Pedro Miau

E se o computador perguntar “você é um robô?” só porque ele talvez esteja procurando a família dele?



PLANOS EMPRESARIAIS A PARTIR DE 2 VIDAS.

Pequenas e médias empresas, a partir de duas vidas, também podem contar com a proteção dos planos de saúde Promédica.

Uma estrutura completa e o cuidado de quem tem mais de 50 anos de experiência, com 4 hospitais próprios, 5 centros médicos, rede de laboratórios Datalab, entre outros serviços.

Administrado na Bahia, porque a prioridade é estar ao seu lado.

Fale com a Promédica: (71) 3271-9115

www.promedica.com.br

Promédica 
Muito Mais Saúde



ANS nº 326861